N.º 29 (151) — 3.º ANNO | Terça-feira, 30 de Maio de 1911 | PREÇO 20 RS.

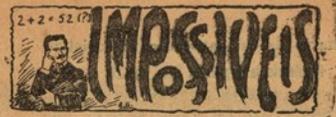
Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
CARICATURISTA
STUART CARVALHAES
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO»

Redacção e administração: R. da Rosa 162, 1.º, Esq.º — LISBOA

LADRA MAS NÃO MORDE...

Balas e Palas

A Lisboa de marmore e granito, desde o Arieiro á Patriarchal... e areia, anda assustada com os boatos. Depois do quatro de Outubro em que atordoaram as balas, voltou agora a ser atordoada com palas.

Como o verão chegasse, as familias começaram a debandar e ahi as verão a dizer que era o medo! Mas qual! Aquillo não é medo de apanhar algum calor; é medo ao calor natural.

No entanto, o sr. Euzebio Leão do governo civil, muito civil resolveu pôr um edital, tal que desfizesse os sustos e tornasse as céstas socegadas e tranquillas. Os boatos, porém, recrudescem; não se ouvem senão trépas no governo, tropas na fronteira e o remedio é fazer das tripas coração, pois chegamos a estar convencidos que fomos vencidos pelo inimigo mysterioso. Lisboa fria de terror está sobre um vulcão.

A «Capital», sobre occorrencias na capital entrevista o ministro da guerra e elle assegura-lhe o valor da força para fazer valer á farça, caso seja chamado para o caso. Nós, porém, nas entrelinhas, da entrevista, entrevimos, um entrecho de qualquer coisa occulta e fomos por nossas «mãos» fallar ao sr. Xavier Barreto que estava por acaso sem barrete n'essa occasião, e com cara de barata, isto é, escamado.

—Estou que nem polvora—disse logo que chegámos.

Tentamos abrandal-o e offerecemos-lhe um cigarro.

—Vossa excellencia fuma?

—O sr. não sabe que eu inventei a polvora sem fumo?!

—Perdão, eu offerecia um cigarro.

—Não gosto de cigarros; disse. Ta está o charuto!

—Nós vinhamos por causa dos boateiros. Que acha?

—Que é préciso uma mão de ferro que lhe bata o pé.

—Sim senhor, é o remedio extremo. E' preciso não ter medo.

—Medo?! Isso era d'antes.

—Vossa excellencia refere-se a Dantas Baracho?

—Qual! D'antes; dantes é que havia medo. Agora, mobiliso as tropas e se continuam as tretas, começam os maus tratos. No entanto eu gostava que a Republica não falasse pela bocca das bayonetas.

—Nós percebemos, isso logo, quando no quartel general, a guarda ficou de bayoneta calada, uma noite d'estas!

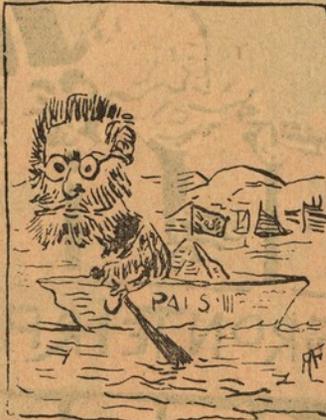
—E depois o exercito é republicano. O Norte que se diz ser um centro de reacção contem talvez os regimentos mais democraticos. Não. O que tem de acabar é o pavor, por favor. O sr. é jornalista dirá que está tudo normal; que já voltaram os pardaes...

—Já voltaram os pardaes?

—Sim. Elles não voltaram mas diga que sim. Refiro-me aos pardais da Avenida Não vê que com a revolução como as balas lhe assobiaram perto das casas, azas para que vos quero, deixaram o ninho e foram... talvez para o Minho.

—Eu reparára já. Mas quando voltarão os pardaes? Isso deve causar transtorno á vida interna do paiz. A falta da sua manifestação externa sobre os passeantes deve sentir-se nas finanças?!

—Sente; mas o Relvas com o bom verde os chamará. Virão de novo.

—A proposito de novo, e os fardamentos novos sáem ou não?

—D'esta vez sáem. Não vê que elles teem muitos verdes e vermelhos e eu estava esperando que o Junqueiro se fosse, pois já o aturára por causa da bandeira. Quando ouvia dizer: Vão sair os uniformes é porque o Junqueiro ia para Berne; mas como elle não ia, não saiam os uniformes. D'esta vez...

—Hão de sair!?

—Com certeza o que me damna, a mim, ministro da guerra, não é a guerra, é o boato, o atroz boato!

—Não tem então receio de conspirações?

—Nenhum. Em ultimo caso mando o meu collega da marinha, o Gomes, ir vêr o que lá ha;

—Sim? E elle será capaz de lá ir?

—Sem duvida; é trabalhador, activo, um homem pratico; a melhor pasta do ministerio!

—N'esse caso é mandal-o. E que diz o nosso Bernardino a isto?

—Para elle—isto é chá... aos estrangeiros.

—E' o que diz o nosso Antonio José.

—Que o mal está na escola. Já decretou, a reforma do curso d'arte dramatica e vae reformar o theatro portuguez,

—Bravo!

—Olhe, meu caro amigo. Com o Bispo de Beja e outros a conspirar o mal só pode vir detraz.

—Exacto. De em 5 de Outubro não se ter usado um meio mais radical!

Agradecemos comovidos ao coronel Xavier e corremos a pôr de prevenção... a nossa sopeira, contra os boatos!

Fulano de Tal.

— A Companhia dos Electricos baixar o preço das carreiras.
— Fundar-se uma associação de intellectuaes no nosso paiz.
— As *travadinhas* destravarem nas subidas.
— Apparecer o celebrado livro do sr. Teixeira de Sousa.
— O Fernando de Lacerda acabar com as communicações... de espirito.
— A *thalassaria* deixar de berrar contra a lei da separação da Egreja do Estado.
— Acabarem as viagens dos ministros.
— O *Zé* deixar de fazer votos pelas melhoras do sr. Dr. Affonso Costa.
— Os automoveis deixarem de atropelar os transeuntes.
— Estar certo o relogio do Arco da rua Augusta.
— Subir á scena o drama *Martyres no Bosque*.
— Haver *fitas* mais interessantes que as do «Chiado Terrasse.»
— O Carvalhaes deixar de gostar de carne... de *cebolada*.
— Apparecer o annunciado jornal da tarde «5 de Outubro».
— Haver uma barraca na feira de Alcantara que não tenha *O Zé* collocado na parede.
— Os policias com o novo fardamento deixarem de se parecer com guardas nocturnos.
— Saber-se onde foram parar os *casse-tetes* da nossa policia amada.
A policia tornar a ser bruta.
— Os brutos tornarem a ser policias.
— O Christiano acreditar que ha brutos mais brutos que os brutos.
— **Rebentar a bernarda.**
— Sahir da massa dos impossiveis alguem que não seja republicano.
— Os petizes pedirem dinheiro para o Santo Antonio, que actualmente é um santo encravado.
— O Camões escapar sem gramar os batalhões voluntarios, no dia 10 de Junho.
— O deputado por Leiria deixar de ir ás côrtes defender os seus direitos.
— Não fujirem os gatos quando espirra o Carlos Simões.
— Ressuscitar o dr. Bombarda para metter tudo isto na ordem.
— Acabarem as conspiratas.
— Restaurar-se a monarchia.

Affonso Costa

Continua infelizmente doente este nosso valiosissimo correligionario e querido amigo tendo porem experimentado algumas melhoras ultimamente.

Fazemos os mais ardentes votos paraque estes se accentuem afim de o illustre ministro voltar á actividade politica occupando a pasta da justiça cujo logar tem desempenhado de forma a merecer os mais entusiasticos applausos de todos os republicanos.

Ahi, valentes pápussos

Continua a contradança
Lá nas terras do Sultão,
Brinca a Hespanha, brinca a França,
E não acaba a funcção!

Os marroquinos resistem
Nas ancias d'uma victoria
E se os *alliados* persistem,
Morrem todos, mas com gloria!

Deixam o imperio na estica,
Em cavacos e em torrêsmos,
E... se lhes chega a larica,
Comem-se até a ell's mesmos!...

Bonnevie.

A fantochada

Passou o dia 28 e as *terriveis e heroicas hostes Coiceiraes* não invadiram o paiz. Temos pena. Causa-nos magua que não se confirmassem esses boatos terroristas que nos ultimos dias que precederam as eleições se espalharam pelo paiz dando como certa uma contra revolução *redemptora*. E temos magua, embora reconhecendo que o paiz precisa de paz e socego para que se effectue a sua rehabilitação, porque então d'uma vez para sempre terminariam os infames boatos que apenas visam a manter a desconfiança na sociedade.

Com elles passariam tambem á historia, senão todos, um grande numero d'esses partidarios do regimen do roubo e do assassinio, porque não haja duvidas, uma vez posta na rua a *fantochada Coiceiral* a vingança do povo seria terrivel e ninguem lhe poderia ter mão; essa limpeza seria inevitavel e provocada pelos monarchicos. Só aos boateiros e a mais ninguem é devida a atmosphera que paira sobre Portugal e de que em Lisboa já o commercio começa queixando-se. E' justo que elles tenham o premio do seu **patriotico** trabalho, e portanto nós aqui lhe pedimos que não deixem de *derrubar a Republica*, *essa cafila de patifes que hoje governa o desgraçado Portugal*. Que os *benemeritos da patria* invadam o paiz com o seu exercito de desqualificados, pobres diabos com o cerebro cheio de promessas phantasticas: promoções, empregos rendosos, titulos nobiliarchicos etc., e a algibeira bem nutrida, e mandem sobre Lisboa, a negregada cidade dos maçons, com os olhos postos no Christo crucificado, matando, incendiando, deixando apoz a sua passagem todo um cortejo de roubos e assassinios da peor especie. E que esperar de um *exercito* de inimigos da sua patria pagos a tanto por dia a fim de destruirem instituições que lhe fazem crêr dão o dominio a individuos sem escrupulos capazes de todas as atrocidades contra os seus adversarios?

Ah! não são, certamente os simples alliciados d'essas *legiões famosas* os mais merecedores de severo castigo. Estes na sua maioria são constituidos por desgraçados a quem a opulencia não beneficiou e julgam conseguir que arrastam melhorar a vida prestando-se a essa obra anti patriotica.

Os que merecem grande e severa punição são os chefes. Gente sem honra que não duvida lançar o terror no seu paiz porque honestamente, em nome da moralidade, o povo se levantou contra o regimen que o expoliava saciando-o de todos os desejos de dinheiro por mais illegaes que o fossem. Esses sim; para esses é que chamamos a attenção do governo e de todos os patriotas para que não fiquem sem castigo.

Merecem-no e ha muito que lhes devia ter sido appliado. Não o deixemos por mais tempo uma vez que, elles não teem a minima parcella de coragem. Covardes!

N'aquellas veias é impossivel que circule o sangue portuguez dos Gamas, Albuquerques, Alvares e tantos outros. Não. N'aquellas veias corre a lama venenosa dos covardes como D. João VI e dos bandidos Diogo Alves, Brandão etc. Canalhas e nojentos. Se elles ainda tivessem um vislumbre de energia e se alguns d'elles transpuzerem a fronteira oh! não façamos fogo contra elles, seria morte muito nobre para combatente tão vil, suffoquemos-os com os mais pôdres excrementos e mesmo assim será utilisar muito mal esse estrume tão fecundante.

Eurico Zuzarte (Leão Grave)

Pilar Marti

Foi em «Mayo florido,» que Lisboa este anno apreciou esta encantadôra flôr dos palcos hespanhoes. Galante, com o conhecimento da "arte de ser bonita,, pelo «methodo Gorritz», methodo eficaz para paixões, ella seduz desde o bispo á «lo commissario», desde o plebeu ao «conde de Luxemburg».

Os lisboetas e os brazileiros e «africanistas» que cá residem são unanimes em considera-l'a a mais garotá mulher da «Côrte de pharaon».... Affonso XIII.

Propagandista energica do amor, ella vem do «paiz de las hadas» que é a Hespanha, converter a nossa republica n'uma republica... do amor.

Eu queria ser «poeta de la vida» ou ter mil frases hespanholas, para a epitetar mas só me aflóra aos labios, ó: Bendita seja la madre que te ha pariu!

E, o meu preito é singello. Conhecendo «como está el mundo» theatral, desejo-lhe que cada aplauso se converta n'um «punhau de rosas» já que não posso ter occasião de lhe dizer: «Apaga e vamo n'os».

A. F.

Pum!

Rebentou a contra-revolução!

Uma esquadra ingleza com peças de grosso calibre acaba de fundear no Poço do Bispo... de Beja.

Estamos aqui estamos todos enforcados.

Záz!

A conspiração estalou! A monarchia restaurou-se... pela nova reforma ortografica. Dantes escrevia-se com *c h*, agora escreve se com *q u*!

Oh! se ha...

Dizia uma gazeta—não nos lembra qual— que a republica egualou e nivelou tudo.

Nivelou tudo? Ai filhos ainda ha ahi cada pança de burguez mais fora do nivel!...

— Tens lido os jornaes?
— Todos os dias.
— E tens visto as noticias?
— De quê.
— Da contra-revolução.
— Ora já estou farto d'essa bugiganga!
— Mas olha que a coisa é mais grave do que parece...
— Deixa falar.
— Tropas para o norte...
— Ora adeus...
— Navios para o norte...
— Pois sim...
— Prisões e mais prisões...
— E tu a dar-lhe...
— Dois navios carregados de gente para a Africa...
— Ai, tu tambem és boateiro?
— Eu não menino! Deus me livre! E' o que tenho ouvido dizer...
— Oh tens ouvido dizer?
— Tenho. Olha, ainda eu hontem falei com o 1.003, aquelle que foi policia. Disse-me que estavam trez navios fundeados...
— Aonde?
— Aonde não me lembro bem, mas tenho a certeza que é lá para o mar.
— Ora não sejas tolo.
— Mas tu não crês que a coisa está feia?
— Eu não.
— Então que explicação dás tu a tanto boato, a tanta inquietação?
— Dou-lhe a explicação que já se dava a essas coisas no tempo do Geraldo, *O sem pavor*...
— Qual é?
— E' que *quem conta um conto acrescenta-lhe um ponto*.
— E' verdade que sim.
— Pois então fica sabendo que é assim que se formam os boatos. O nosso Povinho é o mais *paleiro* deste mundo. Cidadão da republica portugueza que oiça contar uma historia ha-de por força *impingil-a* a outra com metro e meio de augmento. Mulherzinha portugueza que não tenha cada dia meia duzia de *escovas* para *metter*, não se dá por satisfeita. Dum percevejo que mordeu na perna d'uma visinha fazem ellas uma historia em que entram bichos das selvas e animaes prehéstoricos. D'um chôco que um *guita* roubou a uma sopeira arranjam ellas contos a que só faltam as estampas, com meninos quasi a chegarem de Paris, e se fôr preciso, muitos e variados paes.

E é assim, sempre a metter á escova, sempre a augmentar, sempre a largar a pala, eternamente, *inpingir* a peta, que das coisas mais pequenas, se formam os mais desencontrados boatos, as mais inverosimeis atoardas.

João d'Alem.

Outro não queremos

Pelo visto temos que gramar o presidente.

Bem, Venha o presicente. Mas que seja o pae Theophilo.

Era um presidente em familia e sem vaidade nenhuma!

DESABAMENTO

Mealhada 29—Acaba de desabar o Chalet «*Arthur Malfeito*»—C.

Mas que admiração: aquillo estava encallistado de nascença.

Deixem-se disso!

Que dizem á contra-revolução? Imponente, grandiosa, não é verdade?

Ora deixem-se de contra-revoluções, que para as escangalhar a todas bastava que os *batalhões voluntarios*... não sahissem de casa!

Contra-revoluções façam-nas, mas quando o feijão estiver um *pouco mais barato!*

Ei-la finalmente triumphante apesar de todas as contrariedades...

Casos bicudos

O nosso pobre *Zé Povinho* parece estar condemnado a viver eternamente de esperanças e illusões.

Nos tempos tremendos em que a monarchia imperava, elle coitado não vivia senão da esperança na Republica, e esperança tão radicada e tão querida, que pela republica deu o seu sangue, como um suino ingenuo, que cheio de fome, julgando ir para a gamela vae dar o sangue para chouriços!

Elle vivia da esperança que depositava na republica, porque estava cheio de «larica», farto de longos annos de penuria e da exploração sempre crescente da burguezia que se acobertava nos monopolios, e cria que ella vinha pôr cobro á espoliação, dando-lhe mais liberdade não só para falar—que para isso não carece de licença este povo de algarvios—mas tambem para trincar, o que é mais importante.

Mas a republica veiu, temol-a ahi toda catita e toda frèsquinha, tão novinha e tão linda que atè faz cocegas á gente, e os monopolios, os ladrões d'este pinhal a que chamam cidade, eil-os de pé!

Elle é o do pão, o dos electricos, o das moagens, o do assucar, e o das aguas! Não ha coisa alguma, não ha genero de primeira necessidade, que não esteja monopolisado.

Os monopolistas, os açambarcadores e os previlegiados é que estão de grande! Para elles é que está a vida!

O *Zé Pacovio* que se vá aguentando no balanço, emquanto pensa como este ingenuo de quem temos aqui uma carta presente, dizendo-nos que o novo regimen ainda não teve tempo, com tanto em que pensar, para abolir os malditos monopolios.

O' meninos ainda não teve tempo!

Em meia duzia de dias houve tempo para derrubar um regimen, para pôr o D. Manoel a andar, para dar uma coça ao sr. Paiva Couceiro e até

para prender o busto do Zé Luciano, e não ha tempo n'uns poucos de mezes para derrubar uma meia duzia de monopolios!

E a Camara? Oh! essa dorme como uma justa. Tanto gritou e berrou no tempo da monarchia que hoje está dormindo pesadamente como se fosse, não de gesso, mas da materia dura de que é feito o Frontão.

Deu-lhe a doença do somno!

*

Quem quizer ver um seculo contente, um seculo jubiloso, veja, não o seculo das luzes, mas o «Seculo» da rua formosa. Vem todo contente porque andava ha trez annos a gritar contra as caixas de agua e gaz sem tampa — o que era um perigo para os transeuntes—e já conseguiu que dessem providencias.

Graças! Acabaram-se as caixas sem tampa. As meninas agora, quado quizerem dar com a tampa nos namorados vão arranjar outras.

Já não ha caixas sem tampa e não ha tambem o perigo de torcer um pé!

Ha apenas canos com palmo e meio levantado acima do solo promptos para receberem topadas e um solosinho macio como uma cama fôfa, para receber aquelles que se estendam!

*

No jardim da Estrella ha agora uns lindos receptaculos para os papeis inuteis, com uma taboleta onde se diz em grandes lettras, que o jardim sendo da cidade, é de todos.

Os congressistas que lá estiveram a comer á porta fechada fartaram-se de rir. Acharam uma piada extraordinaria ao lindo lettreiro!

E' que elles sosinhos em campo, a baterem-se como uns damnados lá deutro, emquanto o Zé esperava cá fóra, liam assim o distico: «sendo da cidade é de todos... os congressistas!

Viu-se Grego

P. S. — Consta-nos que para esse receptaculo dos papeis inuteis está o nosso collega «Zé-Ilheu» escrevendo uma revista que se intitulará: «A cabeça d'um vate maior que a cabeça do reino de Portugal.

Então: é hoje ou ámanhã?

Entre os *terriveis* conspiradores estão presos os illustres cavalheiros snr. Arrobas e Petisco.

É com certeza alguma revolução *cosinhal* que os homesinhos preparam.

E a prosito: sabem que amanhã é que é? Estala ás duas da madrugada, disse-nos um cavalheiro das heroicas hostes Coiceiraes.

Só para experiencia

A feminista D. Carolina Angelo deseja que as mulheres façam um serviço militar especial. E acha que para se ver se a sua ideia é bôa, ou má, se deve experimentar.

Apoiado, D. Carolina. Olhe, a rapaziada d'«*O Zé*» vae organizar um batalhão voluntario. Mande vocencia meia duzia de vivandeiras para a gente experimentar...

Poeira do caminho

(notas sobre o joelho)

I

O poeta da »Aurora do Porvir», semanario radical da provincia, acabava de escrever o ultimo verso do seu soneto e relia agora, cheio de orgulho, aquella tirada heroica de quatorze *alexandrinos* atacando a nobreza e os preconceitos.

«Caramba, pensava intimamame, estes versos vão immortalisar-me! Ah! se o Sá de Miranda resuscitasse, e m'os ouvisse, sentiria orgulho por haver trazido para Portugal a forma do sonêtos»!...

E o poeta da «Aurora do Porvir» passando a mão pela farta e esbelta cabelleira, compunha deante do espelho o seu laço enorme.

«Sempre quero ouvir a opinião d'aquelles *critic'asnos* do *lépis,*» dizia comsigo.

Pondo o chapeu, o eminente auctor do «Poema d'um revoltado» transposéra a porta da rua na direcção d'um café da Mouraria, onde se reunia a flor da litteratura portuguêsa.

Foi recebido optimamente como o grande Elias:

«O' divino, o' collossal artista!...

E elle, o vigoroso, o austero pamphletario das «Horas de vingança» sentara-se com gravidade... Como o café tardasse, foi impingindo aos collegas o soneto que, em sua opinião, o havia de elevar aos pincaros da gloria e da immortalidade.

—«O' meninos, leiam isso, leiam, e digam a opinião sincera, hein...

Os collegas leram e gostaram. Se não haviam de gostar!

—Caramba! tu excedes o Junqueiro, arriscou um.

O jornalista Elesbão—que além de ser o inventor d'um tira-callos, usava mono'colo á Eça de Queiroz e era poeta,—achára naquelle soneto, *que arrepiava as carnes*, nove *alexandrinos* errados e cinco frouxos, mas sempre lisongeiro atirou-lhe com esta:

«—O' menino, tu promettes, deixa estar que a *gloria deslumbrante ha-de illuminarte a vida*... Breve terás sobre essa cabeça genial, como Camões e Dante, a corôa de louros da immortalidade«!

E o poeta da «Aurora do Porvir», o democrata *enrajé* que partira uma perna ao arrancar em Alhos Vedros, sua terra natal, uma corôa que ornamentava um chafariz, sorriu-se e com ar grave e desdenhoso retorquiu:

—Não, nunca! Detesto as corôas! Hoje só acceitaria da immortalidade um barrete fhrygio... de louros.

Manuel Chagas.

Christiano Cruz

O Christiano Cruz, um bom rapaz,
Esguio, sonhador, ingenuo, artista,
Que põe nas bellas paginas que faz
Um traço original, impressionista.

Aqui onde o estão vendo, elle é capaz
De fazer só d'um traço, e á nossa vista,
Um pápa, um deus, um judas, um caifaz,
Um rei, um presidente ou... um callista!

Eu sei que anda a estudar veterinaria
O que, diz o Calino, é disparate,
Pois dará azo á coisa extraordinaria,

De a gente ver ainda em qualquer parte,
Um artista a tratar uma alimaria,
E um alveitar fazendo uma obra d'arte!

Viu-se Grego

Coitadinho

A *Republica* estampa o retrato d'um bebé de 23 mezes e diz que ha-de dar um magnifico, um invencivel defensor da Republica.

Inda o petiz tem 23 mezes já lhe estão a pôr coleira!

Quem roubou ...

Li no «Seculo» que o proprietario da Ourivesaria roubada na R. de S. Vicente premiava com um conto de réis ou por outra, mil escudos, o sujeito que lhe apresentasse o *engenheiro* director da Construcção do Tunnel ou, pelo menos, que lhe désse indicações sufficientes para o seu descobrimento. Não calculam a alegria com que eu fiquei por se ter effectuado um roubo tão grande! Que felicidade ter succedido este facto!

Um conto de reis!

Que fortuna para quem anda sempre *têzo!*

Por isso fiquei logo doido! Senti ganas de Sherlock-Holmes! Comecei inventando planos, architetando disfarces, idealisando ataques, descobrindo vestigios, pégadas, pontas de cigarros, e afinal o que me pôz assim a sonhar, foi a offerta do digno ourives.

Mas não desanimei! Tinha dentro do peito a fé de que havia de descobrir o ladrão e ateimei! Fui logo comprar um cachimbo para n'esta parte me parecer como genial policia de quem sentia n'aquelle momento a mais completa semelhança de raciocinios e deducções.

A primeira coisa que deduzi foi que era necessario vêr o roubado e fallar com elle, para assim conhecer *a victima*. Depois visitar o *local do crime*, pois sem este conhecimento nada poderia ajuisar do trabalho do dignissimo constructor e da sua feição artistica.

Fallei com o ourives, perguntei-lhe o nome, a edade, o estado, quantas horas tinha e se lavava os pés todos os dias. Depois de algumas horas de conversa, deduzi *immediatamente* que era aquelle o roubado. Foi a primeira *conclusão* a que cheguei.

Perguntei-lhe depois se lhe tinham roubado muitos objectos. Resposta affirmativa.

— A maior parte o que era?

— Broches. Era o que se fazia mais cá em casa.

N'esta altura tive um presentimento. Que o gatuno fosse o Bispo de Beja! Mas não... E demais se fôr, eu o provarei, disse comigo.

Visitei depois a furna e *deduzi* com precisão rigorosa que foi por ali que se effectuou o roubo. Não podia ter sido por outro lado. Cheguei d'este modo á seguinte *conclusão* que fez apavorar muito policia:

O *roubado* foi o ourives. O *ladrão* é desconhecido ainda. Represento-o por X. X entrou pela galeria: foi por lá que sahiu. Logo a galeria foi o *caminho* seguido por X.

Que lhes parece? Interessante, não é verdade? Eu sou o verdadeiro criminalogista!

Não contente ainda com estas ultimas deducções, procurei haver á mão as reproducções photographicas das impressões digitaes deixadas pelo gatuno em diversos pontos. Consegui este meu desejo. E foi com grande cópia de raciocinios que formulei mais a seguinte conclusão:

«Ora se o gatuno deixou gravadas as linhas digitaes em diversos pontos do local é porque, com certeza, tem mãos! Mas que especie de mãos? Depois de alguns minutos de analyse, verifiquei que tinham cinco dêdos.

De novo me tornei a lembrar do Bispo de Beja. Mas desta vêz provei que não foi elle. Porquê? Porque usa seis em cada mão, disseram-me...

Então quem será?

As mãos parecem de pessôa menos mal collocada, de antigo conselheiro de Estado...

Olá! O Espregueira?!

E' verdade, porque não teria sido o Espregueira? Acaso não tem elle coragem para fasêr ainda peóres coisas?

Encaminhei-me immediatamente para casa do mais intelligente capitão de ladrões que tem apparecido em Portugal.

Recebeu-me graciosamente o velho general, promovido por si mesmo áquelle elevado posto de que a republica o destituiu, attendendo aos *desinterésses* com que serviu a sua patria.

A minha pergunta foi de chofre:

— Foi você que cometteu o roubo da ourivesaria?

— Nunca me dediquei a tão baixas *manóbras*. Roubei muito, confesso com orgulho, mas os meus roubos não são tão deshonrosos como esse de que falla.

— Porquê?

— Porque 50 contos não é nada, senhôr.

E' uma miséria! Estava feliz se fizesse *espregueiradas* tão baixas!

— Mas você, pela minha seria rigorossissima de analyses e raciocinios, tem todos os indicios do criminoso...

— Já lhe disse que não fui eu. Se tivesse sido, confessaria com prazêr. Não eram 50 contos que me emporcalhavam mais o nome.

Além d'isso não estou acustumado a fasêr covas no chão. Quando roubava éra ás claras! Poderia fasêr *môssas* nas massas do Estado, mas covas no chão, nunca, dou-lhe a minha palavra de honra...

— Pois eu julgava. Mas emfim a sciencia ás vezes engana-se...

— Pois póde ficar sciente de que não fui eu! Roubei muito. Tenho o papo cheio, não preciso de ninharias... Ante esta concludente resposta despedi me, já bastante zangado com a criminalogia que tão torto me levou.

Chegei cá fóra, parti o cachimbo que me dava um aspecto de Sherlock Holmes. Que raiva!

Pois não foi o Espregueira! Pois se não foi aquelle, não foi mais ninguem! Só elle tinha coragem de roubar assim. E o contosinho de réis?

Fiquei sem elle e foi esta a mais custosa *conclusão* a que cheguie!

Bonnevie.

CAMPO PEQUENO

Na proxima quinta-feira 1 de Junho, realisa se n'esta praça mais uma corrida nocturna, tomando parte alem da quadrilha de *niños sevilhanos* que tem por espadas Limeno II e Gallito III, o distincto cavalleiro José Casimiro, que acaba de alcançar um ruidoso successo na praça de Madrid e o eximio bandarilheiro Theodoro Gonçalves.

A corrida que começa ás 9 ½ da noute é á hespanhola, apresentando-se José Casimiro trajando á andalusa, nos dois touros que lhe estão destinados.

Bumba!

Rebentou a Bernarda. Impera a monarchia. Republicanos tudo *morrido!*

O Frontão de Leiria adherido á Gaby.

Grande destruição

A canhoneira Tejo vae armar em «destroyer».

Faz lembrar um medroso a armar em teso!

O ZÉ no theatro

Decorreu brilhante o match theatral que *O Zé* promoveu na semana finda. E consolou-nos as miudezas até á mais miudinha vermos como o publico accorreu a todas as casas de espectaculo. Se as emprezas a estas horas esfregam as mãos de cotentes por verem as *burras* mais gordinhas nós batemos as palminhas por termos dado occassião a que o publico gozasse bellos espectaculos. N'esta semana os theatros conservam no cartaz as peças de sucesso da semana finda. No *Appollo* a «Agulha em Palheiro augmentada com um quadro novo Ordem e lei... que é mais uma corôa de gloria para a troupe Rodrigues—Bermudes Váz; no *Colizeu dos Recreios* a extraordinaria artista transformista Fátima Miris causa assombro pelo seu inegualavel trabalho.

A companhia de zarzuela que o nosso amigo S. Luiz Braga collocou no seu theatro *Republica* tem feito o enorme sucesso que é sempre de esperar das companhias que são, como aquella, constituidas por tão bellos elementos.

No *Variedades* continua o *Pó de Perlimpimpim* que tem um consumo extraordinario pelo sumo que tem de piada. Em suma as coisas com graça nunca deixarão de ser vistas e admiradas pelo nosso Povinho, que sabe perfeitamente que tristezas não pagam dividas. Assim o *Theatro Rocio Palace* dá-nos ás 8 e ás 10 h. da noite a revista *Tarde Piaste!*

O *Infantil do Rocio* a *Viuva Alegre*; na feira o *Chalet Julia Mendes* tem em scena a revista *Pentes e Dedaes* do nosso collega Arriegas e do Gamalhães, aquelle dos sonetos todos pacholas, e no Chalet Avevida continua a engraçada revista do nosso collega Orlando, *Ertá Certo*.

Cinemas & Variedades

Paraizo de Lisboa

Nesta bella casa de espectaculos continuam as enchentes consecutivas. As irmans *Las Orientales* duas bellas raparigas que põem os espectadores doidinhos de todo, *Les Chantecler*, e os excentricos musicaes *Les Veritas* são elementos suficientes para os espectadores accorerem lá em grande numero.

UMA PERGUNTA Á SANTA BENEVOLENCIA

Se em 5 de Outubro se tivesse feito isto, haveria agora conspirações?